

# IDENTIDADE: QUEM É O "NOSSO" SURDO?

Aline Dubal Machado<sup>1</sup>  
Ivone M. Fagundes Toniolo<sup>2</sup>

**A** história dos sujeitos surdos perpassou por muitos caminhos diferenciados que interferiram em seu desenvolvimento social, educacional, psicológico, cognitivo e afetivo, repercutindo na construção de sua identidade e reconhecimento de sua cultura e no respeito pela diferença lingüística.

Em vista disto, o presente artigo é resultado de uma revisão de literatura indicada no Curso de Pós-Graduação, Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria, e objetiva apresentar algumas das interfaces com que o surdo se deparou ao longo de sua trajetória, desde a Antigüidade à Pós-Modernidade, ou seja, o percurso da sua negação e da não aceitação da sua língua própria, à sua construção de identidade por meio da interação com seus pares através da Libras (Língua Brasileira de Sinais).

Desde a Antigüidade, com os greco-romanos, acreditava-se que os surdos não eram seres humanos, pois, o pensamento não poderia ocorrer sem que houvesse a linguagem e esta apenas desenvolvia-se pela fala, de acordo com o pensamento aristotélico, já que era a linguagem que dava a condição de humano para o indivíduo. Mesmo na Idade Média, os surdos ainda continuaram com a interpretação de não-humanos e, pela posição da igreja católica, eles não foram considerados imortais, pois não poderiam falar os sacramentos.

Os primeiros relatos da Educação dos Surdos surgiram no século XVI, com o monge espanhol e beneditino Ponce de León (1520-1584), o primeiro educador de surdos. Com o método que utilizava o alfabeto manual dactilológico, a escrita e a fala, ensinava os filhos da nobreza e este trabalho pautava-se pelo método oralista, pois previa o estímulo oral.

Em Paris, surgiu a primeira escola pública para surdos, conhecida como *Institute Royal des Sourds-muets*, fundada por Abade de L'Épée (1712-1789). Este professor utilizava a língua vernácula para o ensino da escrita, da leitura, do alfabeto manual, da linguagem de sinais e sinais metódicos. Paralelo

---

<sup>1</sup>Autora, Educadora Especial, Especialista em Educação Especial — Habilitação em Deficientes da Audiocomunicação, Intérprete em Libras, Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana e Professora do Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup>Orientadora, Dr<sup>a</sup> em Ciências dos Distúrbios da Comunicação Humana e Prof<sup>a</sup> da Universidade Federal de Santa Maria.

a esta primeira busca educacional para os surdos franceses, na Alemanha, através de Samuel Heinicke (1723-1790), desenvolvia-se um trabalho oralista numa escola que objetivava enquadrar os surdos na sociedade ouvinte. Já nos Estados Unidos, com os americanos Gallaudet e Clerc, professores de surdos do Instituto Nacional para Surdos-Mudos (termo utilizado naquela época), em 1917 foi fundado um asilo denominado de Asilo Americano para a Educação e Instrução de Surdos e Mudos, onde utilizava-se o inglês sinalizado e a ASL (Língua Americana de Sinais). Essa instituição tornou-se o Gallaudet University.

Em 1878, o oralismo ganhou força no mundo. No I Congresso Internacional sobre a Educação de “surdos-mudos”, que ocorreu em Paris, optou-se pelo oralismo e considerou-se a língua de sinais (LS) apenas como um apoio para o desenvolvimento da comunicação oral. Mas, percebe-se que um grande marco da história dos surdos ocorreu no II Congresso, em Milão, em 1880, no qual declarou-se o oralismo puro como método de ensino desta comunidade. O oralismo tem como desígnio o desenvolvimento da língua oral baseada na evolução lingüística da criança ouvinte através do treino da fala, articulação das palavras, leitura orofacial com o propósito de integrar o surdo ao mundo dos ouvintes, moldando-o ao seu padrão e com uma única identidade: a de ouvinte.

A Comunicação Total (CT) surgiu na década de 60 nos EUA. Criada por uma professora, mãe de uma menina surda, este tipo de comunicação viabilizou o uso de qualquer aparato ou combinação, permitindo o uso de sinais, gestos, oralização, leitura orofacial, desenhos, linguagem escrita e o alfabeto dactilológico. Para Wrigley (1996, p. 16), “comunicação total é qualquer coisa menos total e raramente comunica”. Em relação aos surdos, a Comunicação Total também não demonstrou a aceitação da surdez ou a constituição de um ser surdo com uma identidade própria. Ainda dentro deste crivo comunicativo, há a comunicação Bimodal definida por Quadros (1997, p. 24) como:

“(...) a língua de sinais usada como um recurso para o ensino da língua oral. Os sinais passam a ser utilizados pelos profissionais em contato com o surdo dentro da estrutura da língua portuguesa. Esse sistema artificial passa a ser chamado de português sinalizado.”

A Educação de Surdos no Brasil iniciou-se em 1856, com a chegada de Ernest Huet, surdo francês, que trouxe o alfabeto manual francês e alguns sinais da Língua Francesa de Sinais, dando origem à LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Em 1857, houve a fundação do Imperial Instituto dos Surdos e Mudos,

hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, primeira escola para meninos surdos, na qual se usava a LS com influência francesa. No ano de 1958, o INES passou a adotar o oralismo (80 anos após o Congresso de Milão), porém os surdos usavam a LS fora da sala de aula. Já no Rio Grande do Sul, em 1980, a Escola Concórdia da Cidade de Porto Alegre foi a primeira escola brasileira a adotar a Comunicação Total.

Na cidade de Santa Maria, no ano de 1955, uma professora começou a desenvolver um trabalho com surdos. No início da década de 80, houve discussões a respeito da Comunicação Total em Santa Maria entre os professores desta cidade e outros vindos de Porto Alegre, mas foi em 1988, durante a IX Jornada Sul-Riograndense de Educadores de Deficientes de Audiocomunicação, que se apresentou uma nova abordagem: o bilingüismo.

O bilingüismo concebe os surdos como diferentes e não mais excluídos da sociedade, ou tendo que se moldar a esta. Há o reconhecimento da sua língua natural, a LS, da sua cultura, e há a existência de uma identidade surda. Em Santa Maria, no ano de 2001, inaugurou-se a Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, que tem como abordagem educacional o Bilingüismo. De acordo com Goldfeld (1997, p. 39):

“O bilingüismo tem como pressupostos básicos que o surdo deve ser bilíngüe, ou seja, deve adquirir como língua materna a Língua de Sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país (...). O conceito mais importante que a filosofia bilíngüe traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias (...). Isto não significa que a língua oral não seja importante para o surdo, ao contrário, este aprendizado é bastante desejado mas não é percebido como único objetivo educacional do surdo, nem como uma possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez.”

Sob tal ótica, a educação dos surdos está então pautada em uma estrutura lingüística própria desta comunidade, em que a língua natural surge como produto de uma conjunção de elementos que se relacionam de maneira particular em cada grupo, constituindo um fator determinante no desenvolvimento desses sujeitos e de sua identidade. Num contato surdo-surdo, ocorre a aceitação mútua da Libras (Língua Brasileira de Sinais), de forma natural e espontânea.

As diferentes interfaces relatadas demonstram as lutas e as conquistas de uma comunidade, que passou por diferentes momentos históricos até o início de seu reconhecimento como um grupo sócio-cultural diferente com uma língua própria. Grupo este que necessita de respeito e meios para desenvolver-se como qualquer outro grupo pertencente à nossa sociedade.

Em relação ao aluno surdo, a educação em seu desenvolvimento abarcou muitas concepções educacionais hoje consideradas inadequadas, que são providas da própria história dos sujeitos surdos que, conforme assegura Miranda (2001, p. 10), “(...) historicamente, há um século, proporciona terror e exclusão à identidade surda [e] uma educação que iguala o surdo ao modelo ouvinte, onde é negada a identidade surda, é um fracasso”.

Logo, a relação dos surdos com sua língua natural, a língua de sinais, dar-se-á como sendo esta seu maior instrumento constituidor, que representará a sua aceitação de ser surdo com uma identidade surda. Se a língua de sinais for negada, estar-se-á negando também a surdez, ou seja, o ser surdo construirá uma identidade de “ouvinte.”

De acordo com Hall (1997, p. 8), “o próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”.

Para o autor mencionado, existem três concepções diferentes de identidade. O sujeito do iluminismo baseia-se numa concepção humana e é visto como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação. Com as evoluções científicas tecnológicas, surgiram novas concepções que influenciaram a construção de um sujeito diferente, o sujeito sociológico. Seguindo a classificação de Hall (1997, p. 11), o sujeito sociológico:

“refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediarão para o sujeito valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava.”

Já sobre o sujeito pós-moderno, Hall (1997, p. 13) refere-se a uma terceira concepção de identidade, sendo este:

“conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) O sujeito assume identidades diferentes que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.”

Dessa forma, o sujeito pós-moderno não construirá uma identidade única

e, sim, fará variadas identificações de acordo com as diferentes interfaces, contrapondo-se ao sujeito do iluminismo e ao sociológico.

Segundo Sá, (*apud* Skliar, 1998, p. 170), “a chamada pós-modernidade tem sido entendida como ‘o espírito do nosso tempo’ muito mais como uma condição histórica do que como uma posição teórica definida. ‘Pós-modernidade’ é uma designação para o clima sócio-cultural do final dos anos 80”.

Os sujeitos são produtores deste processo sócio-cultural que permanece constante e dinâmico, na atual sociedade.

Conforme Perlin (1998, p. 21), “os surdos possuem identidade surda que, porém, apresenta-se de formas diferenciadas, pois está vinculada à linguagem. A linguagem não é um referente fixo, pois é construída a cada interpelação feita entre sujeitos. Seus sentidos variam de acordo com o tempo, os grupos culturais, o espaço geográfico, o momento histórico, os sujeitos, etc”.

Na abordagem de Perlin (1998), as identidades surdas serão conceituadas a partir da óptica da alteridade do sujeito cultural, pois, para a formação destas identidades, tem-se como base a identidade cultural.

Portanto, ao esboçar a trajetória que influenciou uma comunidade distinta que usufrui uma língua e cultura próprias, faz-se imprescindível salientar o quão necessário é conhecermos o “nosso” surdo e suas implicações identitárias. Essas implicações serão baseadas nas interações com o seu par e mediadas pela sua língua natural e cultura, e para uma aceitação da sua diferença que é lingüística deverá ocorrer sua inserção na sociedade no contexto pós-moderno, o qual se está vivenciando no que tange o identificar-se com uma ou outra identidade, na presença da descentração e na permanência de (re)construções identitárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOLDFELD, Márcia *A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-interativa*. São Paulo: Plexus, 1997.
- HALL, Stuart *A Centralidade da Cultura*. Revista Educação e Realidade. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jul/dez, 1997.
- \_\_\_\_\_ *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- MACHADO, Aline Dubal *As Interações do Sujeito com Surdez Severa e o Processo de Construção de Identidade*. Santa Maria: UFSM — Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, 2002.

- MIRANDA, Wilson de Oliveira *Comunidade dos Surdos: Olhares sobre os Contatos Culturais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- PERLIN, Gládis T.T. *Histórias de Vida Surda: Identidades em Questão*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998.
- QUADROS, Ronice Muller de *Educação de Surdos: a Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SÁ, Nídia Reginal de *Educação de Surdos: a Caminho do Bilingüismo*. Niterói: EDUFF, 1999.
- SKLIAR, Carlos (org.) *A Surdez: um Olhar sobre a Diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- WRIGLEY, Owen *A Política da Surdez*. Gallaudet University Press, 1996.